

# Crise econômica paralisa os investimentos

SERGIO COSTA  
Correspondente

Rio — O futuro presidente da República já dispõe de mais uma informação nada boa sobre a economia: o nível de investimento do País estagnou em 1989, a julgar pelas projeções dos técnicos do Instituto de Pesquisas (Inpes), do Ministério do Planejamento. A perspectiva é de que as aplicações dos setores público e privado somem o equivalente a 17,3 por cento do Produto Interno Bruto (PIB) ao final do ano, contra os 17,2 por cento de 1988. Como a expectativa é de que o PIB (que representa a produção de bens e serviços do País) cresça 2,8 por cento este ano, chegando a 362 bilhões de dólares, os investimentos representariam algo em torno de 62 bilhões e 600 milhões de dólares.

A taxa de investimento é representada, nas contas nacionais brasileiras, através da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), composta basicamente pelos itens de construção (em 60 por cento) e

## A década perdida, em %

	PIB	FBCF	PIB Per capita
1980.....	9,27	22,87	6,8
1981.....	-4,41	20,97	-6,6
1982.....	0,64	19,53	-1,6
1983.....	-3,47	16,94	-5,6
1984.....	5,11	16,15	2,8
1985.....	8,34	16,72	6,0
1986.....	7,58	19,00	5,3
1987.....	3,61	18,27	1,4
1988.....	0,3	17,51 (IBGE)	-2,3
		17,20 (INPES)	
198	2,2 (IBGE)	—	0,1 (IBGE)
	2,8 (Inpes)	17,3 (INPES)	

Fonte: Seplan

máquinas de equipamentos (36 por cento). Nos anos 70 a FBCF foi sempre superior a 20 por cento, mas o quadro inverteu-se a partir dos anos de recessão na década de 80, mais precisamente entre 1981 e 1983, quando os números chegaram a níveis dos mais baixos da história. Para o IBGE e FBCF de 1988 foi um pouco mais alta: 17,51 por cento.

### PLANO VERÃO

Há duas explicações básicas

para essa retração no investimento, e passam por motivos econômicos e políticos. Do lado econômico aconteceu o primeiro Plano Verão, com o mecanismo de congelamento de preços que invariavelmente inibe decisões dos empresários quanto à expansão de suas atividades. Depois, a escalada da inflação. Além disso, a crise financeira do setor público contribuiu para conter a inibição das inversões de empresas estatais. Do lado, político, é cla-

ro, estavam as eleições apura a Presidência da República, adiando para 1990 os cronogramas do setor privado.

Nas últimas costas dos técnicos do Inpes, os 2,8 por cento de crescimento do PIB em 1989 serão conseguidos graças ao aumento da produção industrial, em meados do ano, depois de alguma retração por conta dos efeitos do choque econômico de 15 de janeiro, e fazendo a economia sair da pequena recessão de -0,3 por cento observada em 1988. No ano passado a indústria encerrou o período em queda na produção, com -2,6 por cento sobre 1987, e este ano deve apresentar 2,9 por cento, com o impulso que o congelamento de preços deu às vendas (e encomendas) do comércio de março em diante, principalmente.

Mas o quadro inflacionário também terminou incentivando investimentos localizados, forçando para cima a produção de segmentos industriais. Foi o caso, por exemplo, da indústria da construção civil, que fechou em

1988 com -2,9 por cento e, nas previsões do Inpes, terminará 1989 com 5,4 por cento, um dos melhores desempenhos dentro do PIB nacional. A explicação: a disparada das taxas de inflação deu aos imóveis um atrativo especial, aumentando sua procura e agitando o mercado de construção do País, principalmente nos grandes centros urbanos.

### CRESCIMENTO

O problema, para o próximo presidente, é como alavancar os investimentos e fazer com que a economia entre em um ciclo de crescimento auto-sustentável, mais independente. Para isto, os técnicos do Inpes lebram que o PIB precisa crescer em torno de sete por cento ao ano. Enquanto o Inpes trabalha com 2,8 por cento para 1989, o IBGE, através do seu departamento de contas nacionais, estima 2,2 por cento, o que daria uma produção de bens e serviços equivalente a 360 bilhões de dólares. De qualquer maneira, bem abaixo da média histórica.

Essas duas previsões também confirmam que os anos 80 representaram uma década perdida para o País. Em 1980, o crescimento da economia foi de 9,1 por cento e a taxa de investimento chegou a 22,87 por cento do produto. As estimativas para 1989 colocam um crescimento médio do PIB apenas 2,3 por cento ao ano, nesta década, muito pouco para a média histórica (desde 1930) de seis a sete por cento ao ano e das exigências de desenvolvimento que o próximo presidente vai encontrar, em 1990.

Há outras preocupações quando se fala em taxas limitadas de crescimento da economia e também de investimento: divisão do PIB per capita ou seja, a divisão da renda entre a população. Segundo os cálculos do IBGE, a população brasileira deverá crescer em torno de 2,1 por cento este ano. Como o instituto prevê um crescimento do PIB de 2,2 por cento, a renda per capita, está praticamente estagnada, com crescimento estimado de apenas 0,1 por cento.